

O teatro de papel na atualidade

Por: Priscila Gontijo

Em uma época dominada pela tecnologia, assistir ao espetáculo da trupe do Teatro do Imprevisto – que traz em sua mala um miniteatro, no qual um palco é montado para contar três histórias – nos lança imediatamente a um outro tempo, devido à delicadeza das figuras em miniaturas.

Há cem anos, o teatro de brinquedo se tornou conhecido em muitos países da Europa, onde as famílias costumavam ter um pequeno teatro em casa. Com a chegada de novas formas de encenação e as grandes produções, o teatro de brinquedo caiu no esquecimento, mas foi em sua raiz que a linguagem do teatro de animação começou a tomar outras formas.

No gênero do teatro lambe-lambe, a trupe formada por três atores joseenses – Olívia Daniele Machado, Ricardo Veríssimo Salem e Cibele Tomaz – narram suas “histórias de papel” abordando temas como a importância da generosidade, humildade e lealdade para as crianças presentes, através de contos populares, fábulas e histórias de assombração. Foi o que vimos na apresentação do grupo no 33^o Festivale, na Casa de Cultura Lili Figueira, no dia 04 de Setembro, às 15h,

Os contadores de história apresentam as aventuras de “Pedro Malasartes e a Sopa de Pedra”, “O Guaname” e “O Macaco e a Velha”. Através de instrumentos de percussão que desempenham o papel de fundo sonoro, pontuando a narrativa com o som do barulho da água, do vento, da

¹ Crítica do 33^o Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

tempestade, do ranger de portas, do farfalhar das folhas, etc., a trupe entretém o público formado por crianças pequenas ao longo da narrativa.

No primeiro conto ensina-se de forma lúdica como se aprende a oferecer com o coração e não por interesse, ou seja, é uma aprendizagem sobre a doação. Através de cenários (ou quadros) alternados, vemos as locações do armazém – onde se concretiza a aposta de Pedro Malasartes com o dono do lugar para pregar uma lição em uma velha sovina – e, em seguida, vislumbramos a locação da casa da velhinha que aprende – a contragosto – a lição da doação.

A segunda história centra-se no conceito da mentira e narra as aventuras do cachorro do mato, o Guaname, que possui duzentos dentes e come ossos humanos de quem conta mentira. Nessa história, alternam-se os cenários do vilarejo e do bosque do Guaname. A lição final é a de que a mentira tem pena curta.

Já a terceira e última história fala sobre o macaco Simão, um exímio devorador de bananas. Ao comer toda a plantação de dona Cotinha, Simão é castigado por esta, que prepara um melado de banana, transformado em boneca, a Catarina, que quando se encosta, gruda. Ao final, o macaco Simão é devorado pela velhinha por ter lhe desobedecido. Os cenários aqui se alternam entre o bananal e a casa.

O trabalho da trupe é minimalista e preocupa-se com a representatividade da região. Por isso, o criador do espetáculo Ricardo Veríssimo selecionou histórias que dialogassem com as crianças deste território, excluindo histórias de princesas e príncipes.

A primeira ressalva se dá em relação à mudança de expressão de uma mesma personagem que é evidenciada pela troca do boneco, porém não é

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

possível vislumbrar essas mudanças por conta da falta de iluminação da caixa. Talvez, uma solução seria a dos contadores usarem lanternas, assim, não se quebra o efeito artesanal deste teatro e possibilita a apreensão das mudanças de humor de uma mesma personagem.

Outras considerações tornam-se necessárias para atualizar alguns temas aqui propostos e para refletir sobre a nossa visão de mundo na contemporaneidade. Por conta da representação da boneca Catarina, apresentada como uma boneca preta, nos mostra a representação do negro (a) somente por uma via assustadora e me parece um tanto equivocada. Pode constranger crianças negras.

A imagem da mulher – representada como a menina no conto sobre a mentira, da história do “Guaname” – também colabora para estigmatizar a figura feminina, pela via da menina interesseira que só namora o garoto apaixonado se este lhe oferecer presentes. Daí que o garoto rouba a cauda do Guaname para ofertar à garotinha, sendo castigado em seguida pelo cachorro do mato. Mais uma vez vemos a representatividade da figura feminina como sendo a “culpada” dos erros alheios, por seus desejos materialistas.

Ao final, percebemos que as lições de moral inscritas nesses contos populares e fábulas ainda estereotipam os sujeitos da minoria. Em tempos de intolerância e ódio ao diferente, uma revisão neste ponto se faz necessária.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.